LUMEN ET VIRTUS

# Impacto da amamentação precoce: Análise dos benefícios fisiológicos e psicossociais do aleitamento materno na primeira hora pós-parto

https://doi.org/10.56238/levv15n39-091

**Amanda Viana de Araújo e Araújo**
E-mail: amandavianaea@gmail.com

**Anna Clara Silva Fonseca**
E-mail: dra.annaclaraf@gmail.com

**Wallex da Silva Guimarães**
E-mail: wallexsilvaguimaraes@gmail.com

**Beatriz Oliveira Amaro**
E-mail: biaammaro@gmail.com

## RESUMO

O aleitamento materno nas primeiras horas de vida é uma prática que vai além da nutrição, desempenhando um papel vital na sobrevivência e saúde dos recém-nascidos. A literatura têm demonstrado que o início precoce da amamentação está diretamente relacionado à redução significativa da mortalidade neonatal, especialmente em contextos de saúde pública. Além dos efeitos imediatos, o aleitamento nas primeiras horas promove a estabilização fisiológica do bebê e fortalece o sistema imunológico, oferecendo uma defesa crucial contra infecções. Entretanto, desinformações e mitos ainda permeiam essa prática, muitas vezes comprometendo seu sucesso. Este estudo teve como objetivo examinar, através de uma revisão narrativa da literatura, a relevância dessa prática, destacando seu impacto positivo e combatendo desinformações comuns sobre o aleitamento. A metodologia adotada envolveu uma revisão narrativa de natureza qualitativa e descritiva referente aos últimos dez anos de publicações (2014-2024), com a busca bibliográfica realizada em bases de dados em saúde como: Scielo, PubMed e BVS. A pesquisa inicial identificou 359 estudos, dos quais 84 foram avaliados integralmente após triagem. Destes, 39 artigos foram selecionados para compor a revisão final, oferecendo uma base sólida para a análise. Conclui-se com a revisão que o aleitamento materno exclusivo, sem a introdução de complementos desnecessários, é suficiente para a nutrição adequada do recém-nascido. Além disso, o papel dos profissionais de saúde, especialmente médicos e enfermeiros, é fundamental para o sucesso do aleitamento, através de programas como o Projeto Rede Cegonha e o Método Canguru.

**Palavras-chave:** Aleitamento Materno, Recém-Nascidos, Mortalidade Infantil, Saúde materno-infantil, Pediatria.

## 1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno na primeira hora de vida, também conhecido como aleitamento precoce, é um tema de crescente interesse na comunidade científica obstétrica e neonatal (Lima; da Silva Nascimento; Martins, 2018). Esta prática, recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), está associada a uma série de benefícios tanto para o recém-nascido quanto para a puérpera (OMS, 2023).

A transição da vida intrauterina para a extrauterina, caracterizada pelos primeiros 60 minutos após o nascimento, representa um período crítico de adaptações fisiológicas complexas para o neonato. Esta fase, denominada "hora de ouro" na literatura científica, é marcada por mudanças rápidas e significativas nos sistemas cardiovascular, respiratório, imunológico e metabólico do recém-nascido (RN) (Monteiro *et al.*, 2022). A importância deste intervalo temporal é amplamente reconhecida pela comunidade médica, dado seu impacto substancial no desenvolvimento subsequente e na saúde a longo prazo da criança (Salgueiro, 2022).

A amamentação, reconhecida globalmente como um pilar fundamental da saúde infantil, é preconizada por organizações internacionais de renome, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a OMS, bem como por diversas entidades dedicadas à proteção da criança (de Barros; Teixeira, 2022). O aleitamento materno na primeira hora pós-parto, considerado o ato alimentar inaugural do ser humano, apresenta-se como um fator crítico para o estabelecimento de uma trajetória de saúde, crescimento e desenvolvimento adequados ao longo de todo o ciclo vital (Campos *et al.*, 2020).

Esta prática não apenas confere benefícios substanciais às crianças e às mulheres, mas também representa um impacto positivo significativo na sociedade como um todo. Do ponto de vista da saúde pública, a amamentação precoce destaca-se como uma intervenção altamente sensível, economicamente viável e notavelmente eficaz na promoção da saúde materno-infantil (Azevêdo *et al.*, 2023).

A iniciação precoce do aleitamento materno, particularmente na chamada "*Golden hour"* de vida, demonstra um impacto significativo na redução da mortalidade neonatal. Estudos epidemiológicos robustos evidenciam que a amamentação no primeiro dia de vida está associada a uma diminuição de 16% nas taxas de mortalidade neonatal. Este efeito protetor é ainda mais pronunciado quando o aleitamento é iniciado na primeira hora pós-parto, elevando a redução da mortalidade para 22% (Monteiro *et al.*, 2022).

Destaca-se que a composição ímpar do leite materno contribui substancialmente para estes resultados favoráveis. Rico em nutrientes essenciais e fatores bioativos, o leite materno, especialmente o colostro, fornece uma nutrição de alta qualidade, perfeitamente adaptada às necessidades do neonato. Sua complexa composição inclui proteínas, lipídios, carboidratos, vitaminas, minerais, oligoelementos

e uma vasta gama de componentes imunológicos (Feitosa; Da Silva; da Silva, 2020). Estes últimos conferem um efeito protetor significativo, potencializando a imunidade do lactente e proporcionando benefícios que se estendem ao longo da vida (Luiza *et al.*, 2022).

O colostro, frequentemente denominado como a "primeira vacina" natural, destaca-se por sua capacidade de proteção contra diversas patologias neonatais. Sua eficácia tem sido documentada na prevenção de condições como enterocolite necrosante, infecções do trato gastrointestinal e respiratório, manifestações alérgicas, septicemia e meningite. Além de seus benefícios imunológicos, o leite materno apresenta a vantagem adicional de estar sempre disponível na temperatura ideal para o consumo do recém-nascido, facilitando sua ingestão e digestão (Galvão, 2024).

Neste contexto, duas intervenções de baixa complexidade e alto impacto emergem como fundamentais: o Contato Pele a Pele (CPP) e a Amamentação na Primeira Hora (APH). Estas práticas não só facilitam a adaptação neonatal, como também promovem a formação do vínculo materno-infantil e atuam como fatores protetivos contra complicações neonatais precoces, incluindo hipotermia e hipoglicemia (Araújo *et al.*, 2021).

Apesar dos conhecidos benefícios do aleitamento materno precoce, a adesão a essa prática permanece aquém das recomendações em muitas regiões. Barreiras como falta de apoio adequado, desinformação e desafios práticos enfrentados pelas mães contribuem para a baixa taxa de amamentação nas primeiras horas de vida. Esses obstáculos resultam em oportunidades perdidas para reduzir significativamente a mortalidade neonatal e melhorar a saúde geral dos recém-nascidos. Identificar e superar essas barreiras é crucial para maximizar os benefícios do aleitamento materno e melhorar os índices de sobrevivência neonatal (Vilela *et al.*, 2021).

O estudo se justifica visto que, investir na promoção do aleitamento materno imediato é essencial para a saúde pública e estimulado por diferentes profissionais da saúde, dado seu impacto comprovado na redução da mortalidade neonatal e na melhoria da saúde a longo prazo. A intervenção precoce não apenas protege os recém-nascidos contra doenças infecciosas, mas também estabelece uma base sólida para um desenvolvimento saudável (Cavaglieri; Balduino, 2022).

Este artigo teve como objetivo examinar, por meio de uma revisão narrativa da literatura atual, a importância do aleitamento materno nas primeiras horas de vida, destacando seu impacto na redução da mortalidade neonatal, seus benefícios imunológicos e nutricionais, e a desmitificação de desinformações referente ao aleitamento materno.

## 2 MÉTODOS

Esta investigação científica configura-se como uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa e descritiva (Gonçalves, 2019), enfocando a importância do aleitamento materno nas primeiras horas de vida. A pesquisa bibliográfica foi realizada em repositórios acadêmicos de renome,

incluindo Scielo, PubMed e BVS/Lilacs . Os descritores utilizados na busca incluíram: Aleitamento materno, Recém-nascidos, Mortalidade neonatal, Promoção a Saúde, Pediatria, Período pós-parto, Saúde materno infantil.

O protocolo metodológico para a seleção das fontes bibliográficas obedeceu a critérios de inclusão rigorosos, a saber: disponibilidade integral do manuscrito, idioma de publicação restrito aos idiomas português ou inglês, delimitação temporal das publicações entre 2014 e 2024, relevância do título em relação aos descritores estabelecidos, e uma avaliação criteriosa por meio de leitura classificatória dos resumos e análise integral dos textos.

Em contrapartida, foram estabelecidos como critérios de exclusão: artigos com disponibilidade limitadas, requisitavam pagamento para acesso, títulos divergentes com os descritores predefinidos, e conteúdo que não apresentasse relevância substancial para o escopo da pesquisa. Essa abordagem metodológica permitiu uma exploração abrangente e aprofundada da literatura especializada, proporcionando uma síntese crítica e reflexiva sobre o estado atual do conhecimento acerca da importância do aleitamento materno nas primeiras horas de vida.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de busca, foram identificadas um total de 359 evidências relacionadas ao tema, distribuídas entre as bases de dados Scielo (27), PubMed (172) e BVS (160). Após o processo de triagem, que incluiu a leitura dos títulos e resumos, o número de estudos relevantes foi reduzido para 84, os quais foram avaliados integralmente. Dentre esses, muitos apresentavam referenciais teóricos defasados, métodos de avaliação inconsistentes ou consistiam em revisões de outras revisões, resultando na seleção final de 39 referências que contribuíram efetivamente para a construção desta revisão.

## 4 A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO NOS PRIMEIROS 60 MINUTOS

O processo de amamentar ou aleitamento materno consiste em um processo fisiológico natural, que pode ser observado em diversos animais mamíferos, dentre esses os seres humanos, sendo uma das melhores formas de alimentar e proteger os recém-nascidos (RN). Relatos das práticas de amamentação estão presentes na natureza acompanhando o homem desde os primórdios da humanidade (Cavaglieri; Balduino, 2022).

Sabe-se que o leite materno humano é composto por diversos nutrientes que estão em quantidades exatas, para que assim o desenvolvimento do cérebro humano ocorra de forma adequada (Feitosa; Da Silva; da Silva, 2020). Além disso, o leite materno humano contém uma variedade de vitaminas, o leite materno humano é um alimento completo e adaptável, projetado especificamente

para atender às necessidades nutricionais e de desenvolvimento do bebê, o que o distingue do leite produzido por outros mamíferos (BRASIL, 2015).

A amamentação na primeira hora de vida do RN é um momento crucial para a saúde e o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê, conforme recomendado pela OMS. Essa prática oferece benefícios imediatos e duradouros que impactam profundamente a vida de ambos (da Silva *et al.*, 2022).

Por essa razão, é recomendado o aleitamento materno exclusivo (AME), que oferece uma nutrição adequada para a criança e promove um vínculo afetivo entre a mãe e o recém-nascido, influenciando na saúde de ambos, especialmente na do bebê. Além de fornecer nutrição adequada, o AME estimula o sistema imunológico do bebê (Carvalho-Ramos *et al.*, 2018).

O leite materno é rico em água, vitaminas A, E e K, minerais e uma variedade de componentes bioativos, como hormônios, enzimas e imunoglobulinas. Esses nutrientes são essenciais para o desenvolvimento e proteção do bebê contra infecções, além de ajudar a prevenir diarreia, doenças crônicas e o desenvolvimento de alergias (Da Silva, 2019).

A lactação ocorre em três fases distintas conhecidas como colostro, leite de transição e leite maduro (Porath Azevedo Fassarella *et al.*, 2018). O colostro é a primeira secreção das glândulas mamárias, produzida durante a primeira semana após o parto, e é caracterizada por ter um volume que varia de 02 a 20 ml por mamada nos três primeiros dias do recém-nascido. O leite de transição, que surge na segunda semana pós-parto, serve como uma transição entre o colostro e o leite maduro, que começa a ser produzido na segunda quinzena pós-parto (da Cunha; de Siqueira, 2016).

Ressalta-se que entre os benefícios psicológicos do aleitamento materno precoce, destaca-se o fortalecimento do vínculo materno-infantil, promovendo uma troca intensa de sentimentos afetuosos como amor, carinho e confiança (Monteiro *et al.*, 2022). Esse laço emocional pode ser determinante para a manutenção do aleitamento materno exclusivo nos meses seguintes. Em termos fisiológicos, a amamentação na primeira hora de vida, conhecida como a “Golden Hour”, desempenha um papel crucial na adaptação do recém-nascido ao ambiente extrauterino, contribuindo para a regulação dos níveis glicêmicos e o suporte ao sistema cardiorrespiratório do bebê (de Barros; Teixeira, 2022; Galvão, 2024).

Por sua vez, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde do Brasil recomendam que o aleitamento materno seja exclusivo nos primeiros seis meses de vida do bebê e complementar até os 24 meses ou mais. Durante os primeiros seis meses de vida, não é necessário introduzir outros alimentos além do leite materno, pois ele é suficiente para atender às necessidades nutricionais do bebê (BRASIL, 2015; WHO, 2018).

Oferecer líquidos como chás, sucos e água em conjunto com o aleitamento materno pode ser prejudicial, resultando na diminuição do consumo do leite materno e, consequentemente, na redução da produção de leite. Isso pode contribuir para o desmame precoce, que é um problema de saúde

pública, devido aos riscos de mortalidade infantil. É importante manter o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida e evitar a oferta de outros líquidos ou alimentos antes dessa fase (Amaral, 2016; José *et al.*, 2017).

A importância do aleitamento materno tem sido discutida há décadas e, desde 1991, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de vida do bebê. Essa temática é relevante, pois o leite materno é fundamental para a nutrição e desenvolvimento saudável do bebê, além de oferecer proteção contra doenças e infecções. É importante conscientizar as famílias sobre a importância do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida e incentivar a continuação da amamentação até os 2 anos ou mais (WHO, 2003; BRASIL, 2009).

Conforme exposto na literatura que a temática é complexa, pois a prática de amamentação envolve fatores: familiares, cultural, social, psíquico, biológico, espiritual, ambiental, dentre outros, que tornam essa prática mais aceitável, ou não, pela mãe (Porath *et al.*, 2018). Além disso, se expõem que deve haver o estímulo/motivação, da prática pelos profissionais de saúde como os médicos e enfermeiros, sendo esses qualificados para complementar a conhecimento da mãe sobre como deve ser realizado a pega correta para uma amamentação sem problemas (Amaral, 2016; WHO, 2018).

Um estudo pioneiro e histórico abrangendo 10.947 lactentes revelou que o leite materno administrado no primeiro dia de vida evitou 16% das mortes neonatais (Edmond *et al.*, 2006). Notavelmente, essa taxa poderia aumentar para 22% se a amamentação fosse iniciada dentro da primeira hora após o parto. Além disso, o aleitamento materno na primeira hora de vida é reconhecido como um indicador de excelência da amamentação (Edmond *et al.*, 2006; Smith *et al.*, 2017).

O colostro, o primeiro leite materno, é uma fonte rica de anticorpos, proteínas e células de defesa que oferecem proteção contra uma série de infecções comuns na infância, como diarreia e pneumonia, reduzindo significativamente o risco de mortalidade neonatal. Além disso, suas propriedades laxativas auxiliam na eliminação do mecônio, prevenindo complicações como a icterícia (Halmenschlager; Diaz, 2020).

A amamentação precoce proporciona não apenas nutrição, mas também a adaptação a vida extrauterina  que incluem a regulação glicêmica, térmica ao recém-nascido, ajudando a evitar a hipotermia, cardiorrespiratória além de corroborar para a estimulação do processo de hipófise materna que auxilia na produção de ocitocina e prolactina, hormônios que aumentam a produção e ejeção do leite (da Silva *et al.*, 2022). O leite materno, além disso, fornece glicose, a principal fonte de energia para o RN, contribuindo para manter níveis estáveis de açúcar no sangue, essenciais para seu desenvolvimento saudável (Halmenschlager; Diaz, 2020).

Além dos benefícios físicos, a amamentação promove um vínculo afetivo profundo entre mãe e bebê, fortalecendo a conexão emocional e contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável

do RN (da Silva *et al.*, 2022). A liberação de ocitocina durante a amamentação também promove sentimentos de amor e bem-estar em ambos os envolvidos, reforçando o aspecto afetivo desse momento tão especial (Araújo *et al.*, 2021; de Lima; Andreara De Almeida, 2021).

O Brasil é um dos países que se comprometeu para melhorar a qualidade dos cuidados prestados as mulheres grávidas, puérperas e aos recém-nascidos a fim da redução da morbimortalidade materna e infantil, dentre as estratégias a promoção para o aumento dos índices de aleitamento materno exclusivo (AME), sendo uma meta a ser alcançada (Chaves, 2013).

Pode se definir o aleitamento materno exclusivo a alimentação da criança composta somente do leite materno, sem quaisquer inserções de outros alimentos líquidos ou sólidos, mesmo sendo uma estratégia isolada é uma das que mais previne a mortalidade infantil, além de promover a saúde nos aspectos físicos e mental, sendo importante para se estabelecer o vínculo entre a mãe e a criança. Além disso, é preconizado que o AME ocorra até os primeiros seis meses de vida e devendo se mantido o aleitamento por pelo menos até os dois anos (WHO, 2018).

Por sua vez o colostro se trata do primeiro leite produzido pela mãe, sendo nutritivo e com quantidade de substancias que conferem proteção como os anticorpos em concentrações maiores do que no leite maduro, que é aquele que contém todos os nutrientes dos quais a criança precisa para se desenvolver, são suficientes e adequado para bebês, mesmo em poucas quantidades (Carvalho-Ramos *et al.*, 2018; Feitosa; Da Silva; da Silva, 2020).

O leite materno se trata de uma importante fonte de nutrição para o lactante, pois é composto por proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas dentre outros compostos que são essenciais para o desenvolvimento da criança, lhe conferindo proteção contra doenças alérgicas, desnutrição, desenvolvimento de síndromes metabólicas, obesidade, carie entre outras (Sousa, 2016).

Nesse sentido o Brasil vem investindo no incentivo do aleitamento materno desde 1981, com a Instituição do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), que é considerado um modelo visto a diversidade de ações que se iniciam desde o atendimento na rede básica de saúde(BRASIL, 2015).

O ato de amamentar deve ser sempre promovido pelos profissionais de saúde visto que se trata de uma importante estratégia no combate à desnutrição e de manutenção a saúde materno e infantil, sendo o enfermeiro essencial nesse processo por acompanhar as grávidas e puérperas desde o início da gestação (Sardinha *et al.*, 2019).

## 5 O PAPEL DOS PROFISSINAIS DA SAÚDE NA PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO

A promoção do AME na atualidade consistem em um desafio para as equipes de saúde, visto que o estímulo a realização do aleitamento materno tem sido cada vez menos observado e substituído

por fórmulas comerciais se utilizando de diversos artifícios para se adotar tal abordagem pela família (Sardinha *et al.*, 2019).

Destaca-se que umas das principais justificativas para a não realização da AME é afirmação que o leite materno é fraco, o que não é verdade com base nas evidencias já bem elucidadas na literatura, o que ocorre é um processo de fácil digestão, o que leva a criança a sentir fome mais rapidamente (Da Silva, 2019).

Os profissionais da saúde, especialmente médicos e enfermeiros, desempenham um papel crucial na promoção do aleitamento materno, atuando como principais agentes de educação e apoio para as gestantes e puérperas. Através de consultas pré-natais e visitas pós-parto, esses profissionais são responsáveis por fornecer informações baseadas em evidências sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo, tanto para a mãe quanto para o recém-nascido (Lustosa; Lima, 2020). Eles devem esclarecer dúvidas, desmistificar crenças populares errôneas e orientar as mães sobre a técnica correta de amamentação. Esse processo educativo é fundamental para empoderar as mulheres, proporcionando-lhes o conhecimento necessário para tomar decisões informadas e seguras sobre a nutrição de seus filhos (Viana *et al.*, 2024).

Além da educação direta, os profissionais da saúde também desempenham um papel fundamental na implementação de políticas e programas de saúde que incentivam o aleitamento materno. Iniciativas como o Método Canguru e a Rede Cegonha, que promovem ações que promovem o contato pele a pele e o cuidado humanizado, são exemplos de práticas integradas que envolvem médicos e enfermeiros na criação de um ambiente favorável à amamentação (Mantelli *et al.*, 2017; Nascimento *et al.*, 2018).

Conforme Salgueiro (2022), os profissionais da saúde no setor de pediatria neonatal também são responsáveis por identificar e intervir em fatores que possam dificultar a amamentação, como problemas de saúde materna, dificuldades na pega do bebê, ou falta de apoio social. Dessa forma, eles atuam não apenas como educadores, mas também como facilitadores de um processo contínuo de apoio que é essencial para o sucesso do aleitamento materno.

Destaca-se que a enfermagem é o principal setor da área da saúde a receber treinamento em abordagens que visem a promoção do aleitamento materno exclusivo, estão presentes nas consultas do pré-natal e na clínica do bebê na atenção primaria, educando as mães para um cuidado correto e conscientizando sobre os riscos que podem ser desencadeados como o desmame precoce e a inserção de outros alimentos que não são adequados para a criança e como isso pode afetar a saúde da criança (Amaral, 2016; Lustosa; Lima, 2020).

A desmitificação de mitos e crenças como já citado “leite fraco”, “que há pouco leite”, “o bebê não quer pegar o peito”, são alguns dos relatos recorrente que os profissionais de enfermagem têm que elucidar, dessa forma o profissional deve atuar de forma a sanar todas as dúvidas e garantindo que a

mãe se sinta segura nesse processo e que tenham confiança que o leite materno é suficiente para os seus filhos (Rocha; Bastos; de Souza Pimentel, 2019).

Um dos problemas que busca sempre ser evitado através do promoção da educação em saúde em razão do desmame precoce visto que esse pode incorrer em estado nutricional deficitário e comprometer aspectos do desenvolvimento da criança, comprometendo principalmente o seu sistema imune e a deixando mais suscetível ao desenvolvimento de doenças e desconexão com a sua mãe (Pires *et al.*, 2021).

## 6 OS RISCOS DO DESMAME PRECOCE

Apesar de existirem evidencias cientificas o suficiente para a se defender a promoção do aleitamento materno exclusivo até os primeiro seis meses e se manter até os dois anos, a maioria das crianças no Brasil e no mundo não recebem o aleitamento baseado nessas evidências, isso se deve a diversos fatores, principalmente os culturais relacionados a desinformações e mitos sobre o aleitamento materno (Pires *et al.*, 2021).

Os principais fatores que corroboram para o desmame precoce são o núcleo familiar que a mulher está inserida, as condições de educação, a inserção no mercado de trabalho e o desempenho dos serviços de saúde ao abordar a questão. Tendo em vista a importância do aleitamento materno, o desmame deve ser realizado quando a criança estiver em plenas condições adequadas para aceitá-lo, não sendo somente uma opção da mãe (Andrade; Pessoa; Donizete, 2018).

O desmame precoce, este relacionado a alterações fisiológicas que interferem tanto na amamentação do lactante, quanto no desejo por amamentar. O desinteresse em amamentar pode estar relacionada a uma má postura ou a causas morfológicas, tais como: a criança possuir uma boca pequena ou a mama da mãe ser grande com uma aréola tensa o que ocasiona em um peito mais plano, dificultando na pega correta; além do atraso no desenvolvimento do reflexo de sucção em alguns RNs (Rocha; Bastos; de Souza Pimentel, 2019).

A suspensão da amamentação ou desmame precoce podem ser considerados atos de violência contra a criança, visto que a deixa exposta a diversas consequências como risco de desenvolvimento de doenças e até mesmo morrer devido a déficits em seu desenvolvimento. Portanto, é de suma importância para os sistema de saúde e para o bem-estar materno infantil o combate ao desmame precoce para a redução dos índices de morbimortalidade infantil (Lima; da Silva Nascimento; Martins, 2018; Luiza *et al.*, 2022).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão narrativa, foram abordados aspectos essenciais relacionados ao aleitamento materno nas primeiras horas de vida, destacando a importância de uma educação em saúde eficaz. É

crucial que as mães sejam informadas de maneira clara sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo, enfatizando que o leite materno é capaz de nutrir adequadamente o recém-nascido por um período prolongado, sem a necessidade de complementos como chás, sucos ou fórmulas específicas, exceto em situações excepcionais. Esses complementos, quando introduzidos desnecessariamente, podem interferir no processo natural da amamentação, comprometendo a saúde do bebê e o vínculo com a mãe.

O papel dos profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros, é fundamental no processo de educação e apoio ao aleitamento materno. Programas do governo como o Projeto Rede Cegonha e o Método Canguru são exemplos importantes de esforços para promover o aleitamento adequado e o cuidado humanizado. Além disso, é essencial que o debate sobre o aleitamento materno seja incentivado desde o pré-natal, especialmente na Atenção Primária à Saúde, para garantir que as gestantes estejam bem preparadas. Contudo, fatores como crenças em mitos ou práticas culturais desinformadas podem comprometer o aleitamento materno exclusivo, sendo necessário combatê-los através de informação correta e apoio contínuo às mães.

A conclusão desta revisão reafirma a importância do aleitamento materno nas primeiras horas de vida como uma prática crucial para a saúde do recém-nascido e a necessidade de um suporte contínuo e bem-informado para as mães. A educação em saúde e o envolvimento ativo dos profissionais de saúde são pilares essenciais para o sucesso do aleitamento materno, contribuindo significativamente para a redução da mortalidade neonatal e a promoção de um desenvolvimento saudável.

## REFERÊNCIAS


AMARAL, Roseli Cristina. Fatores que contribuem para o desmame precoce e atuação da enfermagem. FACIDER-Revista Científica, n. 09, 2016.

ANDRADE, Heuler Souza; PESSOA, Raquel Aparecida; DONIZETE, Lívia Cristina Vasconcelos. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, v. 13, n. 40, p. 1–11, 2018.

ARAÚJO, Kadja Elvira dos Anjos Silva et al. Contato pele a pele e amamentação na primeira hora de vida: um estudo transversal. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 30, p. e20200621, 2021.

AZEVÊDO, Joicy Amorim Francisco de et al. Fatores predisponentes para a ocorrência da amamentação na primeira hora de vida. Rev Rene (Online), p. e85593–e85593, 2023.

BRASIL,MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2015. ISSN 1098-6596.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE SAÚDE DA CRIANÇA : Nutrição Infantil. 2009.

CAMPOS, Paola Melo et al. Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 41, p. e20190154, 2020.

CARVALHO-RAMOS, Isabel I et al. Aleitamento materno aumenta a resiliência da comunidade microbiana. Jornal de Pediatria, v. 94, p. 258–267, 2018.

CAVAGLIERI, Patrícia Mendonça; BALDUINO, Karine Paula. Aleitamento materno: Uma prática saudável para a qualidade de vida da gestante e do recém-nascido. Research, Society and Development, v. 11, n. 12, p. e03111233080–e03111233080, 2022.

CHAVES, R G. Por que amamentar exclusivamente até 6 meses e manter a amamentação até 2 anos ou mais. Santiago LB, organizador. Manual de Aleitamento Materno. Barueri: Manole, p. 21–30, 2013.

DA CUNHA, Élida Caetano; DE SIQUEIRA, Hedi Crecencia Heckler. Aleitamento materno: contribuições da enfermagem. Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde, v. 20, n. 2, p. 86–92, 2016.

DA SILVA, Islaynne Karolayne Soares et al. Hora de ouro: a importância da promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido. Research, Society and Development, v. 11, n. 11, p. e461111133794–e461111133794, 2022.

DA SILVA, ANGELICA XAVIER; Assistência de enfermagem no aleitamento materno exclusivo: uma revisão integrativa. Brazilian Journal of health Review Síndrome, v. 2, p. 2205, 2019. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/viewFile/680/578.

DE BARROS, Maria do Céu Ferreira; TEIXEIRA, Joana Donati Bacan Madureira. Contacto pele-a-pele no sucesso da amamentação: uma revisão scoping. Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem, v. 12, n. 38, p. 362–374, 2022.

DE LIMA, Ludmila Cardoso; ANDREARA DE ALMEIDA, E Silva. Importância da assistência de enfermagem na amamentação na primeira hora de vida do recém-nascido. Revista Multidisciplinar em Saúde, v. 2, n. 4, p. 130, 2021.

EDMOND, Karen M et al. Delayed breastfeeding initiation increases risk of neonatal mortality. Pediatrics, v. 117, n. 3, p. e380–e386, 2006.

FEITOSA, Maria Eduarda Barradas; DA SILVA, Silvia Emanuelle Oliveira; DA SILVA, Luciane Lima. Aleitamento materno: causas e consequências do desmame precoce. Research, society and development, v. 9, n. 7, p. e856975071–e856975071, 2020.

GALVÃO, Kayo Elmano Costa da Ponte. Hora dourada: avaliação das boas práticas na assistência ao parto e nascimento. 2024.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como escrever um Artigo de Revisão de Literatura. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 2, n. 5, p. 29–55, 2019.

HALMENSCHLAGER, Roseléia Regina; DIAZ, Cláudia Maria Gabert. Revisão integrativa acerca do aleitamento materno na primeira hora de vida. Research, Society and Development, v. 9, n. 11, p. e3879119609–e3879119609, 2020.

JOSÉ, Dayane Kanarski Bernardino et al. Relação entre desmame precoce e alergias alimentares. Visão Acadêmica, v. 17, n. 3, 2017.

LIMA, Ariana Passos Cavalcante; DA SILVA NASCIMENTO, Davi; MARTINS, Maísa Mônica Flores. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. Journal of Health & Biological Sciences, v. 6, n. 2, p. 189–196, 2018.

LUIZA, Anna et al. Consequências do desmame precoce : uma revisão de literatura Consequences of early weaning : a literature review. v. 2022, p. 1–19, 2022.

LUSTOSA, Evaldo; LIMA, Ronaldo Nunes. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, 2020.

MANTELLI, Gabriela Vieira et al. Método canguru: percepções da equipe de enfermagem em terapia intensiva neonatal. Rev. enferm. UFSM, p. 51–60, 2017.

MONTEIRO, Bruna Rodrigues et al. Elements that influenced immediate mother-neonate contact during the golden hour. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 56, p. e20220015, 2022.

NASCIMENTO, Jucelia Salgueiro et al. Assistência à mulher no pré-natal, parto e nascimento: contribuições da Rede Cegonha. Revista Portal: Saúde e Sociedade, v. 3, n. 1, p. 694–709, 2018.

OMS, Organização Mundial de Saúde. Aleitamento materno e alimentação complementar. Brasil: OPAS, 2023. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/aleitamento-materno-e-alimentacao-complementar.

PIRES, Marianne Fileti Pires et al. A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO DESMAME PRECOCE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. Cadernos da Escola de Saúde, v. 21, n. 1, 2021.

PORATH AZEVEDO FASSARELLA, Bruna et al. Percepção da equipe de enfermagem frente ao aleitamento materno: do conhecimento í implementação. Nursing (São Paulo), v. 21, n. 247, p. 2489–2493, 2018.

ROCHA, Ana Carolina; BASTOS, Rafael Pedroso; DE SOUZA PIMENTEL, Zilma Nazaré. Desmame precoce: uma revisão sistemática. Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 30, p. e1013–e1013, 2019.

SALGUEIRO, Telma Filipa Palma. Hora dourada: aleitamento materno exclusivo durante a primeira hora de vida do recém-nascido. Universidade de Évora, 2022.

SARDINHA, Daniele Melo et al. Promoção do aleitamento materno na assistência pré-natal pelo enfermeiro TT - Promotion of breastfeeding in pre-natal care by the nurse. Rev. enferm. UFPE on line, v. 13, n. 3, p. 852–857, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/238361/31593%0Ahttps://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/238361/31592.

SMITH, Emily R et al. Delayed breastfeeding initiation and infant survival: a systematic review and meta-analysis. PloS one, v. 12, n. 7, p. e0180722, 2017.

SOUSA, Rebecca Castelo Branco. Leite materno e proteção imune do lactente: o papel da IgA. 2016.

VIANA, Vera Alice Oliveira et al. Prevalência E Fatores Associados À Amamentação Na Primeira Hora De Vida: Estudo Transversal. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 33, p. e20230181, 2024.

VILELA, Maria Esther de Albuquerque et al. Avaliação da atenção ao parto e nascimento nas maternidades da Rede Cegonha: os caminhos metodológicos. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, p. 789–800, 2021.

WHO. Global Strategy for Infant and Young Child Feeding. Fifthy-fourth world health assembly, n. 1, p. 8, 2003.

WHO, World Health Organization. Ten steps to successful breastfeeding. 2018. Disponível em: https://www.who.int/teams/nutrition-and-food-safety/food-and-nutrition-actions-in-health-systems/ten-steps-to-successful-breastfeeding. .